

O Equívoco do Tempo

Claudio Moraes Sarmiento

Médico Psiquiatra ,Grupanalista

Resumo

Abordar o equívoco do tempo, o autor aborda sucintamente quatro equívocos, destacando assim: o equívoco do tempo analítico, o equívoco do tempo existencial, o equívoco na co-evolução biológico-cultural e o equívoco do tempo genético.

Estes diferentes equívocos são abordados tendo sempre presentes a especificidade e singularidade inerentes ao processo terapêutico grupanalítico.

Uma tentativa de integração da teoria psicanalítica / grupanalítica com avanços recentes documentados na área das neurociências é preconizada.

Desta integração poderão surgir novas perspectivas na teoria e na técnica grupanalítica.

Ao elaborar esta comunicação «O Equívoco do Tempo», ocorreram-me imediatamente um conjunto de equívocos que vou tentar abordar sucintamente. Assim, em primeiro lugar falo do que chamo – O equívoco do tempo analítico, em segundo lugar, falarei do equívoco do tempo existencial, em terceiro do equívoco do tempo na co-evolução biológico cultural, em quarto e por último do equívoco do tempo genético.

1-Equívoco do tempo analítico- refiro-me ao tempo subjectivo vivido na transferência. A ilusão da elasticidade do tempo que em conjunto com a nossa capacidade de neotenia abre a possibilidade de esperança na mudança.

Neotenia – processo que retarda a maturação da espécie humana em comparação com outros primatas (decorrente de mutações que ocorreram provavelmente em genes reguladores do desenvolvimento). Assim, o cérebro humano continua a crescer a um ritmo acelerado nos primeiros anos de vida, num ritmo que ocorre, apenas, num período fetal, nos outros primatas.(Gould 1977). Isto permitiu o desenvolvimento do neocortex, e por conseguinte da memória e da linguagem, levando à evolução cultural.

Passado, presente e futuro fundem-se numa atemporalidade, ou melhor direi, numa temporalidade analítica que é determinada não pelos relógios reais, mas pelos relógios biológicos individuais. O nosso tempo interior é a memória. O espaço da grupanálise converte-se num lugar de equívocos.

Num tempo de transferência, memórias implícitas são agidas, e pela repetição num novo contexto (refiro-me ao espaço da grupanálise) novos circuitos poderão ser criados, mais adaptados ao tempo presente ou ao binómio tempo presente/ tempo biológico. (Nava 2001).

As memórias implícitas parece-me poderem corresponder ao que Arieti (1976) refere como endoceptos (cognições amorfas sem representação). A momentos que poderão existir desde o período intra-uterino até momentos precoces da relação fusional com a mãe e ulteriores. Estas memórias procedimentais têm um substracto anatómico diferente da capacidade de memória episódica (Solms 2002) e consciente, com que trabalhamos a nível genético-evolutivo cujo substracto anatómico é o hipocampo e que não está totalmente funcional até aos dois anos de idade. Isto implica que não é possível ter memórias episódicas deste período. Não poderemos dizer –«Eu vivi isto ou aquilo aos dois anos de idade...» O conhecimento infantil é armazenado como memória corporal, e como tal apenas existe como memória procedimental sendo impossível torná-la consciente (Solms 2002). Quando aparece em grupanálise há que considerar tratar-se de «reconstrução».

Da memória implícita temos acesso ao inconsciente.

Do inconsciente ao consciente- a palavra para a consciência reflexiva. A palavra surge como elo de conexão entre os elementos concretos da percepção e da memória - O cerne do nosso trabalho grupanalítico.

2- Equívoco do tempo existencial- a eternidade possível em cada momento presente que se torna passado

Refiro-me a - O tempo como horizonte da compreensão do ser – Heidegger

Aqui podemos fazer uma ponte para conceitos tais como Narcisismo cósmico - Kohut, ou a intuição contemplativa – AT-ONE-MENT de acordo com “O” (Bion).

Mas há o equívoco biológico- o corpo que nos trai, que envelhece e se gasta. Quando mais sabemos, mais velhos somos, menos fica para poder aproveitar esse

conhecimento que morre connosco. Não me refiro à acumulação de informação mas ao que tão poeticamente nos diz Vergílio Ferreira

«Não penses que a sabedoria é feita do que se acumulou. Porque ela é feita apenas do que resta depois do que se deitou fora.»

O equívoco do elixir da eterna juventude- Com o passar do tempo, os telómeros (estruturas nas extremidades dos cromossomas) vão-se encurtando de modo natural, a cada nova divisão celular. Quando alcançam um comprimento crítico, a célula deixa de se dividir e a morte surpreende-nos. O elixir da eterna juventude poderá residir numa enzima- a *telomerase*. A sua disfunção é a causa de tumores – refiro-me ao cancro. As células tumorais multiplicam-se indefinidamente, até à morte do seu hospedeiro. Finitude e eternidade estariam assim integradas no limite do universo do nosso corpo. A perversão da eternidade nas células que se esqueceram de morrer.

O equívoco do tempo subjectivo- o tempo das crianças que decorre mais lentamente e de modo elástico. A crueza do tempo adulto. A nostalgia da distância dos Natais da infância, da duração das férias de outrora, da completude de um lugar de colo. Este é o tempo que também entra nas nossas grupanalíses. O tempo subjectivo dilatado da infância que hoje é revivido num corpo de adulto que ainda se pode iludir e mudar- neotenia. Uma sessão de análise não é hora e meia, pode ser um segundo, pode ser uma eternidade. O fascínio do equívoco possível. A explicação neurobiológica desta discrepância que não é meramente subjectiva, parece-me poder corresponder, pelo menos em parte, à relativa imaturidade do hipocampo na criança.

Na técnica grupanalítica, se não houvesse equívoco- tudo seria a tempo: nem cedo, nem tarde. Atempado para cada um, num contexto de grupo. É necessária a repetição no tempo para chegar ao tempo certo de cada um. Refiro-me ao *timing* das interpretações. E aos desperdícios, o equívoco das faltas às sessões.

Existe a necessidade da repetição, numa nova ilusão, em colisão com a nossa memória.

De facto, a nossa percepção da realidade é baseada na memória. Nós de algum modo vemos aquilo que esperamos ver. As nossas expectativas. A distorção da realidade exterior pode corresponder à percepção através de memórias implícitas (conceitos de *top-down*, *bottom-up* etc, Solms 2002). Ou seja, projectamos as nossas expectativas (fruto de experiência prévia) no mundo que nos rodeia, tornando-o num

misto de percepção com construção, através das nossas memórias e experiências passadas. Na criança, a realidade depende muito mais da percepção concreta da realidade (*bottom-up*), e no bebé quase que exclusivamente. Só em adultos ficamos surpreendidos com as contradições entre a realidade objectiva e a percepção dela. Daqui a importância da qualidade da *maternage*, a vulnerabilidade é muito maior quando a realidade é tal como existe, ainda sem registo na memória e está a ser internalizada. Entram aqui tantos conceitos da teoria analítica e refiro-me aos conceitos de *maternage*, *good enough mother*, alfabetização, etc, etc,etc.

Na sessão de grupalidade este confronto é a base da mudança, se integrado num ambiente emocional adequado - estamos aqui no campo da transferência-contratransferência.

Há, hoje, hipóteses novas que podem corresponder à base neurobiológica da empatia, refiro-me aos *Neuron Mirror*- neurónios espelho- (Rizzolatti 1999). Se se provar a sua existência na criança, o que parece razoável, o caminho da internalização objectiva-se. Da passividade passa-se à actividade, ao mesmo tempo que a acção é transformada em pensamento (Solms 2002). Conceito adaptado à técnica grupalidade por Isaura Neto (2002).

Na relação entre as necessidades comunicadas pelo bebé (*Seeking system* – Panksepp- emoções básicas) e o mundo externo interpõem-se os pais, alfabetizadores no percurso de internalização da realidade até à memória.

3 - Equívoco do tempo na co-evolução biológico-cultural

A evolução biológica é Darwiniana e demora milhares a milhões de anos. Mutações minor são seleccionadas ao longo de gerações através da selecção natural. Por outro lado a evolução cultural é lamarquiana (Cavalli-Sforza 1981, citado por Marx e Silva e col. 2002). Quero com isto dizer que os caracteres adquiridos por uma geração já podem ser transmitidos e incorporados na geração seguinte a um ritmo alucinante se comparados com a velocidade da evolução biológica.

Tendências de comportamento induzidas geneticamente, seleccionadas ao longo da evolução e mantidas por selecção natural, têm de ser enquadradas nos ambientes que favoreceram a sua selecção, e não nas condições actuais modernas criadas pela cultura contemporânea. Um exemplo eloquente, é o proposto por Jensen e col (citado por Marx

e Silva e col 2002) a propósito do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperactividade. Grande parte destas crianças poderia corresponder a indivíduos que estariam localizados num dos extremos da curva de distribuição normal. Aquilo que seria útil nos ambientes ancestrais, já não o é nos ambientes das salas de aula de hoje. O ambiente da sala de aula é novíssimo em termos de evolução biológica. Alguns destes indivíduos poderiam ser vistos como indivíduos com maior capacidade de atenção tipo radar, o que em ambientes ancestrais poderia constituir uma vantagem em termos de sobrevivência. O mesmo se pode aplicar à obesidade. A oferta de alimentação hipercalórica, não acompanha a necessidade de evolução da espécie humana. Pouco mais precisamos caloricamente do que o homem pré-histórico.

4- O equívoco do tempo genético

1% separa o homem dos outros primatas

5% separa o homem dos macacos

1% são milhões de anos de evolução

1 milésimo de segundo do tempo universal

milénios de gerações

Existimos num corpo que é um legado transgeracional.

Reduzido à sua maior simplicidade, o objectivo de cada espécie é competir para transmitir o maior numero de genes às gerações vindouras.

A ilusão da eternidade impossível, travestida na realidade possível do tempo biológico. Através da sexualidade, que se assume como a via restante para a imortalidade. Quer através da suspensão ilusória do tempo no orgasmo, quer através da eventual transmissão dos genes.

Inferências directas á agressividade e nomeadamente às diferenças entre os sexos foram abordadas no 3º encontro de Neuropsicanálise que decorreu em Estocolmo em 2002. Para o macho o que importa é a fecundação do maior número de fêmeas possível. Do ponto de vista biológico, o esperma é pobre e abundante-milhões de espermatozóides por ejaculação, pode ser desperdiçado. Para a fêmea, cada óvulo é valioso, rico e nutritivo, biologicamente falando, e como tal ela procura o melhor macho para transmitir os seus genes. A qualidade em detrimento da quantidade.

De acordo com Jaak Panksepp o cérebro do macho (nos ratos) é mais sensível à imagem, atinge o orgasmo mais rapidamente e atinge um nível de excitação mais rápido. A fêmea é mais atenta e responde mais a estímulos de juvenis. Será que na pedofilia (98% nos homens) existe uma alteração biológica cerebral, tipo um cérebro com características de mulher num corpo de homem?- hipótese aventada

Interrogo-me quanto destes comportamentos arcaicos ainda se manifestam implicitamente, arcaicamente, no homem e qual a sua compreensão ao nível da evolução, da biologia e do psiquismo.

Existimos num corpo, vivemos abandonados no tempo, no nosso tempo, tratamos pessoas que sofrem num corpo, e que com ele nos procuram. Ignorar a dimensão biológica e não acompanhar a compreensão das neurociências é o maior equívoco.

Não há nada de mais real e biológico do que as emoções (Damasio 1994). Mais, são uma vantagem em termos de evolução O sofrimento pode começar a ter hoje uma representação neurobiológica em circuitos neuronais. O seu desconhecimento não é já mais uma desculpa. Estamos hoje mais próximo de sermos holísticos e abandonar o estilhaço do conhecimento, reforçado desde o Renascimento.

A questão mente-corpo, existente desde a antiguidade clássica, está hoje mais próxima de ser compreendida e integrada.

Podemos atempadamente colocar novas hipótese, colocar novos modelos, reformular aspectos da nossa técnica grupanalítica.

Temos de olhar para as mutações minor, aquelas que fazem evoluir a espécie, que constituem em si mesmo, uma vantagem. Aquelas que cada um de nós transporta sem o saber, indelévels, subtis, em cada célula do nosso corpo. E que são a nossa singularidade.

Podemos hoje, através de técnicas de imagem, ver a representação das emoções. Abrem-se possibilidades e potencialidades.

Estamos ainda na etapa intermédia de encontrar os correlatos neurológicos dos conceitos metapsicológicos, depois testar-se-ão hipóteses.

Sabemos hoje, que a actividade funcional do cérebro é alterada durante a psicoterapia, que numerosas mudanças ocorrem durante o processo terapêutico e que estas mudanças ocorrem predominantemente nos lobos pré-frontais. (Bakker, Van

Balkom e Van Dyck, 2001; Baxter et al 1992; Brody et al 1998; Ferng et al 1992; Schwartz et al 1996).

Tudo isto terá implicações nas indicações e contra-indicações para grupalidade, na teoria da técnica e na avaliação de eficácia, entre outras. Estamos ainda a tempo de nos adaptarmos e de aceitarmos reformular alguns paradigmas. Pode tratar-se de um novo vértice de observação.

Não podemos ficar autisticamente isolados, no equívoco da ilusão de tratar «almas» ou espíritos.

O ambiente é inextricável das influências genéticas, a *maternage* é agora feita pelo grupalista, a neotenia permite-nos mudar durante muito tempo, a adversidade do mundo exterior é agora almofadada por um grupalista *good enough*. Conceitos como Crueldade primitiva (todo o bebé tem uma carga genética com uma certa cota de agressividade (Winnicott citado por Zimerman 1999) ganham novas interpretações.

A teoria da técnica analítica sai valorizada, reforçada.

Já dizia Freud em 1920, e cito:

A Biologia é verdadeiramente um campo de possibilidades ilimitadas. Podemos esperar que nos revele as mais surpreendentes informações e não podemos adivinhar que respostas nos dará dentro de umas dúzias de anos...

Talvez parte da resistência a esta integração, seja pela ameaça implícita, subjacente ao equívoco de aceitar como espiritualidade ou religiosidade, numa perspectiva monista e redutora, o corpo, o cérebro e a mente.

Se separamos corpo e mente, só o primeiro morre- Engano.

Não somos nada e ao mesmo tempo tudo.

Uma propriedade da consciência facilmente aceite é a experiência unificada. Cada um de nós tem a impressão de ser uma única entidade, experienciando o mundo perceptual, integrado num determinado momento no tempo- Sou eu que vos estou a ver à minha frente, aqui e agora. Tudo existe num campo unificado de espaço e tempo

Somos cada um de nós, o único representante de uma espécie, neste ponto ínfimo e perdido do Universo, num fragmento de segundo, do tempo cósmico infinito.

Não será este o nosso maior equívoco?

Obrigado.

Bibliografia:

Arieti, S., (1976) *Creativity, The Magic Synthesis*, New York, Basic Books, Inc. Publishers

Bakker, A., Van Balkom, A.J., e Van Dyck, R. (2001). Comparing psychotherapy and pharmacotherapy. *American Journal of Psychiatry*, 158: 1164-1166

Baxter, L. R., Jr., Schwartz, J. M., Bergman, K. S., Szuba, M. P., Guze, B. H., Mazziotta, J. C., Alazraki, A., Selin, C. E., Ferng, H. K., Munford, P., et al (1992). Caudate glucose metabolic rate changes with both drug and behavior therapy for obsessive-compulsive disorders. *Archives of General Psychiatry*, 49: 681-689

Brody, A. L., Saxena, S., Schwartz, J. M., Stoessel, P. W., Maidment, K., Phelps, M. E., e Baxter, L. R. Jr. (1989). FDG-PET predictors of response to behavioural therapy and pharmacotherapy in obsessive-compulsive disorders. *Psychiatry Research*, 84 (November, No 1):1-6

Damásio, A. (1994) *O Erro de Descartes*, Publicações Europa América, Lisboa

Damásio, A (1999) *O Sentimento de Si*, Publicações Europa América, Lisboa

Ferng, H. K., Munford, P., et al. (1992). Caudate glucose metabolic rate changes with both drug and behavior therapy for obsessive-compulsive disorder. *Archives of General Psychiatry*, 49: 681-689.

Ferreira, Vergílio (1998) *Pensar*, Bertrand Editora, Lisboa

Freud, S. (1920g) *Beyond the Pleasure Principle*. S.E., 18:7.

Gould, S. J. (1977) *Ontogeny and Phylogeny*, The Belknap Press of Harvard, University Press, London

Marx e Silva, M.; Fuhrmeister, A.; Brum A.; Anselmi, C.; Scoop Medeiros, M; Picarelli, P.; Viero, R. (2002) *Algumas Bases Neurobiológicas da Compulsão à repetição e da Mudança Psíquica*, Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, Vol.24, nº1, 18-25

Nava, A. S. (2001) *Neurociências e Compreensão Grupanalítica: Uma Hipótese Explicativa*. Trabalho apresentado no VI Encontro Luso-Brasileiro de Grupanalise e Psicoterapia de Grupo. VII Congresso Nacional de Grupanalise. Lisboa Novembro 2001

Neto, I. (2002) To see and be seen: “the added value” of group analysis. 12th European Symposium in Group Analysis. Bologna.

Panksepp, J. (1998). *Affective Neuroscience: The Foundations of Human and Animal Emotions*. New York: Oxford University Press.

Rizzolatti, G., Fadiga, L., e Gallese, V. (1999). Resonance behaviours and mirror neurons. *Archives of Italian Biology*, 137: 85-100

Schwartz, J. M., Stoessel, P. W., Baxter, L. R. Jr., Martin, K. M., and Phelps, M. E. (1996). Systematic changes in cerebral glucose metabolic rate after successful behavior modification treatment of obsessive-compulsive disorder. *Archives of General Psychiatry*, 53: 109-113

Solms, M.; Turnbull, O. (2002) *The Brain and the Inner World- An introduction to the neuroscience of subjective experience*, Karnac , Londres

Zimerman, D., (1999) Fundamentos Psicanalíticos- Teoria, técnica e clínica, Artmed, Porto Alegre